

COOL

Vou falar como antigo aluno e colega e não naturalmente como crítico de arquitectura que não sou!

O Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa reabriu depois do 25 de Abril creio que em 1975 ou 1976. No meu curso fazia-se a transição entre um curso de seis anos para um curso de cinco. Coube-nos a nós, para acertar, fazer duas vezes o quinto ano. Manuel Tainha era professor de Projecto de Arquitectura creio que pela primeira vez. Para os que como eu o escolheram quer no primeiro quer no segundo quinto ano foi certamente uma experiência particularmente marcante.

Manuel Tainha tinha já na altura um enorme prestígio como arquitecto. As piscinas do Tamariz, 1954-1956, projecto lindíssimo e obra infelizmente já impossível de ver; a pousada de Santa Bárbara de 1966 com uma enorme clareza conceptual e arquitectónica, um racionalismo pós-inquérito de uma enorme sensibilidade; as belíssimas torres dos Olivais Sul de 1967- com Raul Hestnes Ferreira- ainda hoje informalmente contemporâneas. Lembro-me destas obras desde essa altura.

Nós, os alunos, tínhamos vinte e poucos anos e estávamos naturalmente ansiosos por aprender depois de um percurso escolar anterior difícil. A primeira coisa que, admito, possamos ter aprendido é que um projecto de arquitectura é um intenso processo interactivo que reflecte os seus intervenientes. Um sítio determinado, um ponto num universo humanizado, portador de uma enorme complexidade que nos cabe descodificar. Um programa de transformação, mais ou menos completo, mais ou menos colectivo, mais ou menos detalhado. Uma série de conceitos possíveis que hão-de evoluir até definir uma estrutura conceptual significativa irreferível.

Tanto quanto eu me lembro os debates nas aulas eram particularmente intensos e profícuos. O trabalho ia avançando e, finalmente naqueles anos, o nosso entusiasmo pela arquitectura conseguia materializar-se.

Um arquitecto que nós admirávamos apoiava o desenvolvimento do nosso trabalho sem dogmas, sem apriorismos formais, não escondendo que a última coisa que queria era um estilo. Com inteligência, com amizade, sem stresse, com a calma determinação de nos ajudar a evitar a Disneylândia ou outra qualquer forma de superficialidade que não fosse intensa, intencional e significativa. Mais tarde os seus textos confirmaram a justeza, densidade e espessura do seu pensamento. Para nós alunos foi uma enorme felicidade termo-lo tido como professor. Para nós arquitectos seus contemporâneos é uma felicidade partilhar as suas interrogações e desfrutar as suas obras.

Os meus filhos mais novos, na sequência de alguma referência que eu tenha feito a Manuel Tainha perguntaram-me uma vez: “Será que ele pode vir a ser nosso professor?”. Infelizmente não quiseram ser arquitectos, mas estou seguro de que poderia responder: Sempre!

Cool!

João Luís Carrilho da Graça